

namente, o latifúndio ilhou-a e, em pouco tempo, estrangulou-a brutalmente<sup>(49)</sup>.

Foi a essa rebelião que frei Caneca deu tudo o que estava ao seu alcance “Incorporou-se voluntário e por lá se achou nas diversas refregas e combates”<sup>(50)</sup>. Por ela sofreria o cárcere, por quatro longos anos, na Bahia. A repressão foi violentíssima: o padre João Ribeiro Pessoa Montenegro, “que não vivia, como ele próprio dizia, senão para a liberdade”, teve o cadáver exumado, após o suicídio, para ser mutilado; José Inácio Ribeiro de Abreu Lima, o Padre Roma, foi arcabuzado; outros padres pagaram com a vida o sacrifício: Antônio Pereira de Albuquerque, Pedro de Sousa Tenório, Miguel Joaquim de Almeida e Castro, Miguelinho. Muitos dos sessenta padres envolvidos na rebelião bateram-se como guerreiros. Mas não foram eles os únicos executados, a pena máxima coube também ao comerciante Domingos José Martins, aos militares Domingos Teotônio, Jorge Martins Pessoa, José de Barros Lima, o *Leão Coroado*, José Peregrino Xavier de Carvalho, tenente coronel das forças rebeladas, morto com dezenove anos incompletos. Frei Caneca teve grandes companheiros<sup>(51)</sup>.

Os pernambucanos guardavam ainda muito viva a lembrança dessa tenebrosa repressão, quando ocorreu a dissolução da Constituinte, a 12 de novembro de 1823. Já a 25 de dezembro, frei Caneca lançava o primeiro número do *Tifis Pernambucano* e ocupava lugar de vanguarda na luta contra o absolutismo. O jornal assim comentava aquela dissolução: “Amanheceu nesta Corte — tratava-se de correspondência do Rio de Janeiro — o lutuoso dia 12 de novembro, dia nefasto para a liberdade do Brasil e sua Independência; dia em que o partido dos chumbeiros do Rio de Janeiro conseguiu dissolver a suprema Assembléia Constituinte Legislativa do Império do Brasil. Verificaram-se todas as previsões do espírito pressago da

(49) “Não tardou a contra-ofensiva imperial, auxiliada pelos comerciantes portugueses que viam suas conveniências em perigo. Ofereceram eles 200 contos para a reconquista da província. Um doou 7 navios; a alta nobreza, segundo depoimento do cônsul Maler, fundiu suas ricas baixelas e ofereceu o produto ao Governo. Forças navais e terrestres, partidas da Bahia e do Rio de Janeiro, juntaram-se no território pernambucano e lograram, após vários combates, sufocar a rebelião, impondo novamente o jugo português em Pernambuco”. (Fernando Segismundo: *Imprensa Brasileira. Vultos e Problemas*, Rio, 1962, págs. 149/150).

(50) Antônio Joaquim de Melo: *Obras Políticas e Literárias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*, Recife, 1875, pág. 10.

(51) Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, um dos mais puros heróis brasileiros, nasceu em Recife, em 1779, filho de Domingos da Silva Rabelo e Francisca Maria Alexandrina de Siqueira. O apelido Caneca foi devido à profissão de seu pai, dono de uma oficina de tanoeiro. Ordenou-se em 1799, aos vinte anos, e dedicou-se ao ensino. Envolveu-se na rebelião de 1817, aos trinta e oito anos. Foi um dos cabeças da Confederação do Equador, aos quarenta e cinco anos, e seu principal